



## **Construção do conhecimento agroecológico no ambiente escolar: o Projeto Curupira na Zona da Mata mineira**

Maria de Oliveira Cortes<sup>1</sup>, Amanda Melissa dos Santos<sup>2</sup> e Adeline Ribeiro Cunha<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: [moliveiracortes@gmail.com](mailto:moliveiracortes@gmail.com); <sup>2</sup>Licenciada em Educação Física pelo Centro Universitário Padre Anchieta (Jundiaí/SP) e mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGE-UFOP). E-mail: [amanda@ctazm.org.br](mailto:amanda@ctazm.org.br);

<sup>3</sup>Graduada em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: [adeline@ctazm.org.br](mailto:adeline@ctazm.org.br).

**Resumo:** O presente texto apresenta a experiência de Educação em Agroecologia do Projeto Curupira, do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), em Minas Gerais, que atua, desde 2006, com os pressupostos da Arte-educação Ambiental e Agroecologia em escolas públicas do campo e periurbanas em quatro cidades da Zona da Mata mineira. Esse resumo pretende assim, expor os motivos da criação do projeto, os objetivos de sua prática e atuação, os sujeitos de direitos e o contexto-território de atuação. Além de apresentar as metodologias e temáticas trabalhadas pelo projeto, a fim de apontar os avanços e resultados obtidos pela efetivação do mesmo que, em suma, tem como um de seus objetivos, a expansão e sensibilização da agroecologia nas escolas das cidades aonde são desenvolvidos outros projetos pelo CTA-ZM.

**Palavras chaves:** Educação; Arte-Educação Ambiental; Escola; Agroecologia.

### **1. Introdução**

O Projeto Curupira – Arte-educação Ambiental e Agroecologia, foi criado em 2006, motivado pela percepção da necessidade de estender ao público infantil e adolescente, as ações do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) que até então, trabalhava com homens e mulheres, adultos e jovens. Sua criação emergiu de reflexões na Diretoria e Assembleia Geral, espaços de governança do CTA-ZM. Partiu também da percepção de que se fazia necessário sensibilizar crianças e adolescentes para o debate da agroecologia, compreendendo assim que estes são sujeitos de



direitos e têm uma grande importância para o mundo de hoje e que já interferem na realidade de suas famílias e comunidades, contribuindo para a transformação social.

Assim, em seu surgimento, percebemos que se fazia necessária a criação de uma metodologia específica para atuar com crianças e adolescentes, que se diferenciasse das abordagens utilizadas com jovens e adultos. Mas, que pudesse ao mesmo tempo, compreender crianças e adolescentes como sujeitos críticos, que sabem, que aprendem e que atuam dentro de seu contexto e de sua realidade social. Compreendendo-os assim, como sujeitos atuantes e não como seres incompletos, que estão se formando para ser *gente* apenas no futuro, uma visão recorrente a respeito da infância e da adolescência.

Nessa perspectiva, definimos a implantação de um projeto de Educação Ambiental, baseado nos pressupostos da Arte-educação, com forte componente lúdico e artístico, mas também apoiando nos pressupostos da pedagogia crítica e libertária, de Paulo Freire, levando-nos assim, a desenvolver um projeto que tramitasse por um viés crítico de visão de mundo, de sociedade e da relação ser humano-natureza, construindo e valorizando as experiências e realidades locais, utilizando a arte-educação como ferramenta para o alcance do debate e ação frente à educação ambiental e agroecologia, incorporado de linguagens artísticas, como a dança, a música, o teatro, o desenho, que, aliás, são indissociáveis das práticas culturais de todos os povos.

No nascimento do projeto, a primeira parceria foi com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Divino/MG, que esteve atuante durante todas as reflexões que levaram à implementação do mesmo. Iniciamos em 2006 com famílias agricultoras em comunidades rurais de Divino/ MG. A partir de 2007, o projeto inicia ações em escolas e incorpora os municípios de Acaiaca, Araponga e Viçosa, todos na Zona da Mata mineira, municípios onde o CTA já atuava com outros projetos e programas. As atividades do Projeto Curupira ocorrem, como supracitado, em trinta e três escolas dos municípios selecionados, em parceria com as secretarias municipais de educação, sindicatos de trabalhadores rurais, comunidades, escolas públicas (estaduais e municipais) e Escolas Família Agrícola (EFAs), localizadas na zona rural ou nas regiões periurbanas.



Sua ação principal acontece por meio de atividades de arte-educação-ambiental com cerca de 5000 crianças e adolescentes, com idade entre 03 e 18 anos, além dos/as 500 educadores/as. Os temas envolvem meio ambiente, produção de alimentos, segurança alimentar, diversidade étnico-cultural, diversidade e relações de gênero, agrobiodiversidade, qualidade de vida, direitos humanos, entre outros. Ao incorporar os temas da agroecologia, há a compreensão de que esses temas são indissociáveis da realidade e da vida dos educandos. (LIBÂNEO, 1985).

Além disso, o Projeto Curupira investe em processos educativos que valorizam a percepção, a reflexão e transformação dos contextos vividos por crianças, adolescentes, na busca da melhoria da qualidade de vida, da conservação dos recursos naturais e do desenvolvimento rural e sustentável, pautado na agroecologia, desenvolvendo suas potencialidades, motivando-os a atuarem como transformadores da sociedade, fortalecendo também, a autoestima e consciência corporal, a valorização e percepção do eu, do outro e da comunidade em que se vive.

## **2. Descrições e reflexões sobre a experiência**

As atividades do Projeto Curupira acontecem semestralmente, em trinta e três escolas da Zona da Mata mineira. A cada semestre tratamos de um tema, com ressonância na vida das crianças e adolescentes, e que são indissociáveis da agroecologia e que assim, possam desenvolver a relação e a sensibilização à prática e ao pensamento agroecológico.

Alguns dos temas já tratados foram: Consumo Consciente, incentivando à compreensão das relações de produção e necessidade num modelo econômico de capital e mercado por desigualdades; agrobiodiversidade, priorizando os Biomas Brasileiros, entendendo a diversidade de solos e ambientes e suas riquezas; Relações de Gênero, promovendo o debate das desigualdades e das questões de gênero; Agricultura Familiar, mirando para a valorização das/os agricultoras/es familiares que sustentam a alimentação brasileira; Africanidades e Culturas Indígenas, compreendendo e valorizando nossas raízes culturais e entendendo tais povos como formadores da cultura brasileira e como os



guardiões das práticas agroecológicas e; Água, entendendo-a como nosso bem precioso e discutindo também os conflitos perante o seu uso, domínio e preservação.

A prática do projeto envolve algumas etapas. Inicialmente é escolhido o tema e, portanto, quais objetivos queremos alcançar com a escolha e efetivação desse tema. Assim, elaboramos as metodologias e atividades para alcançar os objetivos, pautadas na arte-educação-ambiental e também na pedagogia crítica e libertária. Utilizamos de linguagens artísticas – dança, música, teatro, desenho – para incorporar a nossa metodologia e nossa atividade prática nas escolas. Para assegurar nossa metodologia e ações, passamos por processos de formações sobre o tema escolhido, com pesquisadores, estudiosos e também pessoas de nossa própria equipe, que se configuram num grupo interdisciplinar, contando com profissionais de diversas áreas, como a Pedagogia, História, Dança, Engenharia Florestal, Ciências Sociais, Educação Física, Economia Doméstica, entre outras. Assim, compreendemos que o conhecimento se constrói no coletivo e pelo coletivo, valorizando o saber de cada indivíduo.

Concomitante às formações, estudos e planejamento das atividades, há a criação de uma cartilha educativa. Essa cartilha é também planejada semestralmente, seguindo o tema escolhido. Optamos por um material artístico e vívido, que envolva e sensibilize sobre o tema desenvolvido. Utilizamos, além de textos explicativos e críticos, histórias e contos, imagens/fotografias, jogos interativos (como caça-palavras e jogos de tabuleiro), dentre outros. Propomo-nos a organizar um material que seja de fácil acesso e entendimento a todos os participantes do Curupira, que são crianças e adolescentes, entre 3 a 18 anos, e também suas famílias, amigos, etc. Portanto, a cartilha é desenvolvida para todas as idades, carregando conteúdos artísticos, lúdicos e textuais, que dialogue com o tema desenvolvido no semestre e também que se relacione com a vida daqueles que a recebem.

Após este planejamento e organização mencionados acima, partimos para a prática nas escolas. Visitamos semestralmente cada uma das trinta e três escolas, contabilizando assim uma visita por semestre. Essa visita se configura em uma programação realizada durante um período inteiro de aula, podendo ser desenvolvidas na parte da manhã ou tarde. As atividades configuram-se em três grandes momentos: 1) a abertura; 2) produção textual e ilustrativa/artística e; 3) oficinas lúdicas. Quanto à



abertura, trata-se de uma apresentação artística com dança, teatro, música, realizada pela própria equipe e para um número grande de turmas reunidas num único espaço, com expectativa de sensibilizar para o tema a ser tratado. Por vezes a abertura requer a participação dos educandos, fazendo-os refletir e intervir quanto ao que está sendo apresentado.

O segundo momento, na individualidade das turmas, partimos para uma conversa em círculo, onde expomos o tema a ser tratado a partir da abertura e também a partir da cartilha. Assim, pelo círculo compreendemos que em roda, todos tem voz e são sujeitos que sabem. De tal forma, cada um, livremente, expõe suas visões e experiências sobre o referido assunto/tema, pela mediação do/da facilitador/a. Uma proposta didático-metodológica é o círculo de cultura, de Paulo Freire, aonde vamos lançando os saberes de cada um, pelas palavras que são ditas por eles, construindo nossa teia do saber.

O terceiro momento é composto pelas oficinas lúdico-artísticas. São jogos (de tabuleiros e corporais), brincadeiras, danças, músicas, cirandas, criações artísticas, etc., pensados a partir do tema proposto, que possam atuar no campo lúdico e da diversão, mas atuando também na compreensão crítica sobre o tema. São realizados ainda aulas-passeios ao redor da escola com observação da paisagem e utilizamos mostra de filmes, vídeos, músicas e imagens, entre outros.

Ao fim, realizados todos os momentos, nos reunimos em roda e avaliamos nosso dia. Educadores, crianças e adolescentes expõem, de maneira horizontal, suas sensações sobre o dia, o que foi aprendido, o que pode ser aprimorado, e também, é discutido nossas possíveis ações a partir de perguntas como: como podemos expandir esse conhecimento a outras pessoas? Como podemos atuar para melhorar nossa realidade? Vale ressaltar que os temas desenvolvidos pelo Projeto Curupira não são escolhidos aleatoriamente. Além de partir de uma reflexão acerca da realidade social dos educandos e participantes, eles são discutidos e construídos a partir das demandas das escolas aonde o projeto atua, em conversas e reuniões com a comunidade escolar.

### **3. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia**





A educação dita formal, escolarizada, carrega ranços de seu surgimento como instituição brasileira. Emergida para ofertar à grande parte da população, mão-de-obra especializada, no desenvolvimento inicial do modelo capitalista, se propôs a “vencer a barreira da ignorância” (SAVIANI, 2012, p.5), excluindo assim todas as práticas educativas, culturais, holísticas e espirituais dos povos, assimilando apenas a prática tecnocrática e eurocêntrica para um desenvolvimento em educação para consolidar a democracia burguesa (SAVIANI, 2012, p.5). Citar, de maneira breve, esse histórico de educação, faz-se necessário ao compreender nosso local de atuação: a escola, escolas rurais e periurbanas, que assim, como todas, com suas especificidades, apresentam traços do território onde elas se inserem e características culturais daqueles que a frequentam: educandos, educadores, funcionários.

Compreender que as escolas apresentam características próprias, vontades e fazeres dentro de suas concepções, diversidades étnico-raciais, diversidade sexual, culturais, de gênero, parte do princípio inicial da valorização dessas diversidades e também a valorização das identidades. Compreender o espaço escolar como um ambiente plural, assim como todos os segmentos da sociedade, se dá pela querência na atuação ao respeito e valorização dos saberes dessas diversidades e identidades, sendo esses um dos alicerces de nossa prática.

Entendemos a criança e o adolescente, que em sua maioria, são de comunidades rurais, em sua pluralidade de saberes. Assim, nossa atuação parte inicialmente por escutá-los sobre o tema a ser trabalhado, valorizando seus saberes e suas realidades. Temos observado que muitos educandos detêm conhecimentos e práticas agroecológicas, além de ajudarem os familiares nos afazeres domésticos e rurais. Isso mostra como os saberes são mútuos e são repassados para as gerações pelo convívio geracional e nos mostra que as práticas agroecológicas também estão nas mãos de crianças e adolescentes. Dessa maneira, não introduzimos nenhum conhecimento sem antes escutá-los e valorizarmos seus conhecimentos, que são valiosos, tanto no contexto escolar quanto em sua comunidade.

Nossa relação com o princípio e diretriz da diversidade, um dos princípios propostos pelo I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (SNEA, 2013) acontece ao acreditarmos que a



valorização dos saberes e diversidades dos educandos faz com que eles se reconheçam no ambiente escolar, nas atividades do Projeto Curupira e assim, mirando para sua vida por completo. E, reconhecer-se no ambiente escolar é possível, dentre outras coisas, pela introdução de conteúdos e práticas que valorizem o saber de todos e que tenham relação e ressonância na realidade social, onde esses possam compreender e assim atuar criticamente sobre sua vida, comunidade, sociedade (LIBANEO, 1985).

Os conteúdos tratados pelo Projeto Curupira referem-se à agroecologia, partindo dos pressupostos de exaltação dos saberes daqueles que já reconhecem e conhecem práticas agroecológicas e também da construção do saber por todos os educandos. Não partimos de uma transmissão de saber que acontece por hierarquização de papéis, mas sim acreditamos numa construção de saberes pela horizontalidade, pelo diálogo, pela roda. Assim, quando algum educando apresenta seus saberes, temos observado que não há aqueles que não assimilam ou que não compreendem. Todos, de alguma maneira, fazem alusões e relacionam esse conhecimento com sua vida, mostrando que o conhecimento é mútuo e se dá pelas relações sociais, pela relação entre educandos, educadores, funcionários, etc.

Igualmente, lutamos pela democratização da escola, a democratização do acesso aos saberes, aos conhecimentos e as práticas. Incorporar o tema da agroecologia no ambiente escolar se dá ao propor o resgate do conhecimento, valorização das diversidades e democratização do saber, entendendo a escola também como um espaço de divulgação, sensibilização e perpetuação da agroecologia. Em nossos alicerces partimos também do pressuposto de valorização da vida, em toda sua completude. Partimos da compreensão holística das relações da natureza e todos os seres. Atuamos na e para afetividade com o próximo, com os seres, com a natureza. Sensibilizamos para a compreensão de que somos parte constituinte e que atuação do ser-humano visando o lucro e expansão do capital tem conferido graves problemas e desastres à natureza, aos seres e à humanidade.

O chamado Antropoceno, ou “nova idade do Homem”, mostra como o uso e atuação desregulada do ser-humano sobre a Terra tem afetado a existência dos seres vivos e de nossa própria existência. Ainda não declarado oficialmente, o Antropoceno é apontado por cientistas como a era em que o ser humano modificou e impactou significativa e definitivamente a Terra. Diante disso, atuamos



na sensibilização para uma vida e atuação sustentável e harmoniosa com a natureza, lutando pelo direito e respeito à vida e às vidas. Relacionando-nos ao princípio da complexidade, reconhecemos o diálogo com esse princípio ao propormo-nos a criar metodologias participativas, que estimulem a compreensão e valorização da realidade, que se proponha a atuar de maneira teórico-prática, compreendendo a necessidade das duas, mas que essas possam aparecer concomitantemente.

Por fim, acreditamos na transformação social. Nossa atuação perpassa por incentivar o empoderamento e o protagonismo dos sujeitos frente aos contextos econômicos, ambientais, culturais e suas realidades sociais. Acreditamos que a prática educativa carrega de forma latente essa disposição à mudança e transformação. Assim, atuarmos com agroecologia e educação parte do princípio de, além de valorizar saberes, identidades, diversidades, acreditar na reflexão e na transformação que podem acontecer por ensino-aprendizagem com metodologias que busquem essa mudança, mirando para um mundo melhor e sustentável.

#### **4. Considerações finais**

Acreditamos na escola como um espaço em que se persistem desigualdades, até mesmo pela sociedade a qual ela se insere, mas acreditamos em sua potência de atuação crítica e para a transformação, tanto de seu ambiente e contexto, tanto para a transformação da sociedade. Temos observado significativas mudanças a partir da atuação do Projeto Curupira na Zona da Mata mineira. Recebemos respostas entusiasmantes quando realizamos nossas atividades, sejam das crianças, adolescentes, educadores/as e funcionários/as. Temos observado também uma significativa mudança em hábitos e ações das escolas, como por exemplo, em uma escola parceira, onde a direção implementou oficina de agroecologia nas atividades de tempo integral.

Tivemos retornos dos familiares participantes de outros projetos do CTA-ZM e que tem crianças ou adolescentes participantes do Projeto Curupira, além da criação de um grupo de jovens, egressos do projeto, por completarem 18 anos. Esses jovens, recém-formados em uma das escolas parceiras, criaram o grupo que realiza encontros de formações sobre juventudes e agroecologia. Diante





disso, acreditamos em processos educativos que sejam horizontais, tanto na construção quanto em sua prática, atuando para a emancipação e compreensão crítica frente às relações sociais e os processos ambientais, econômicos, etc.

Por fim, acreditamos que realizar trabalhos educativos, que apresentem e sensibilizem à agroecologia para crianças e adolescentes, se dá ao compreender a necessidade de incorporá-los à discussões e ações frente ao movimento agroecológico, entendendo-os também como sujeitos críticos e atuantes em seu presente e também os atores do futuro, lutando pela democratização da escola e entendendo-a como um espaço para a sensibilização e expansão da agroecologia, atuando criticamente para um mundo melhor.

## REFERÊNCIAS

I SNEA. Seminário Nacional de Educação em Agroecologia. *Princípios e Diretrizes da Educação em Agroecologia*. 2013. Disponível em: <http://www.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/20800/12191>. Acesso em agosto de 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LIBANEO, José Carlos. *Democratização da escola pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Campinas: Autores Associados, 2012.

## ANEXOS



**Figura 1.** Vivência com o tema “Consumo Consciente” – Semestre 1/2014 – Acaiaca/ MG.  
**Fonte:** Arquivo das autoras.



**Figura 2.** Abertura com o tema “Agricultura Familiar” – Semestre 2/2014 – Araponga/ MG.  
**Fonte:** Arquivo das autoras.



**Figura 3.** Vivência com o tema “Herdeiros da Terra” Semestre 2/2009 – Araponga-MG.  
**Fonte:** Arquivo das autoras.